

Walter Benjamin

O ANJO DA HISTÓRIA

edição e tradução de

JOÃO BARRENTO

ASSÍRIO & ALVIM

SOBRE O CONCEITO DA HISTÓRIA¹

I

É conhecida a história daquele autómato que teria sido construído de tal maneira que respondia a cada lance de um jogador de xadrez com um outro lance que lhe assegurava a vitória na partida. Diante do tabuleiro, assente sobre uma mesa espaçosa, estava sentado um boneco em traje turco, cachimbo de água na boca. Um sistema de espelhos criava a ilusão de uma mesa transparente de todos os lados. De facto, dentro da mesa estava sentado um anãozinho corcunda, mestre de xadrez, que conduzia os movimentos do boneco por meio de um sistema de arames. É possível imaginar o contraponto desta aparelhagem na filosofia. A vitória está sempre reservada ao boneco a que se chama «materialismo histórico». Pode desafiar qualquer um se tiver ao seu serviço a teologia, que, como se sabe, hoje é pequena e feia e, assim como assim, não pode aparecer à luz do dia.

II

«Entre as mais notáveis características do espírito humano», diz Lotze², «conta-se..., no meio de tantas formas particulares de egoísmo, a ausência generalizada de inveja de cada presente em relação ao seu futuro». Esta reflexão leva a que a imagem de felicidade a que aspiramos esteja totalmente repassada do tempo que nos coube para o decurso da nossa própria existência. Uma felicidade que fosse capaz de despertar em nós inveja só existe no ar que respirámos, com pessoas com quem pudéssemos ter falado, com mulheres que se nos pudessem ter entregado. Por outras palavras: na ideia que fazemos da felicidade vibra também inevitavelmente a da redenção. O mesmo se passa com a ideia de passado de que a história se apropriou. O passado traz

¹ Para todas as notas deste volume usa-se numeração árabe seguida, identificando as do tradutor com (*N. do T.*).

² Hermann Lotze, *Mikrokosmos. Ideen zur Naturgeschichte und Geschichte der Menschheit. Versuch einer Anthropologie* [Microcosmo. Ideias para uma história natural e para a história da humanidade. Ensaio de antropologia]. Leipzig, 1864, vol. 3, p. 49. (*N. do T.*)

consigo um *index* secreto que o remete para a redenção. Não passa por nós um sopro daquele ar que envolveu os que vieram antes de nós? Não é a voz a que damos ouvidos um eco de outras já silenciadas? As mulheres que cortejamos não têm irmãs que já não conheceram? A ser assim, então existe um acordo secreto entre as gerações passadas e a nossa. Então, fomos esperados sobre esta Terra. Então, foi-nos dada, como a todas as gerações que nos antecederam, uma ténue força messiânica a que o passado tem direito. Não se pode rejeitar de ânimo leve esse direito. E o materialista histórico sabe disso.

III

O cronista, que narra os acontecimentos em cadeia, sem distinguir entre grandes e pequenos, faz jus à verdade, na medida em que nada do que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história. É verdade que só à humanidade redimida será dada a plenitude do seu passado. E isto quer dizer que só para a humanidade redimida o passado se tornará citável em cada um dos seus momentos. Cada um dos instantes que ela viveu se torna uma *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é o do Juízo Final.

IV

*Tratai primeiro do comer e do vestir, e o
reino de Deus será naturalmente vosso.*

HEGEL, 1807³

A luta de classes, que um historiador formado em Marx tem sempre diante dos olhos, é uma luta pelas coisas duras e materiais, sem as quais não podem existir as requintadas e espirituais. E, apesar disso, estas últimas estão presentes na luta de classes de modo diverso da ideia dos despojos que cabem ao vencedor depois do saque. Elas estão vivas nessa luta sob a forma de confiança, coragem, humor, astúcia, constância, e actuam retroactivamente sobre os tempos mais distantes. Elas porão permanentemente em causa todas as vitórias que algum dia couberam às classes dominantes. Tal

³ Carta de Hegel (datada de 30 de Agosto de 1807) a Karl Ludwig von Knebel (1744-1834), escritor e tradutor de autores clássicos, amigo de Goethe e Schiller. (*N. do T.*)

como as flores se voltam para o sol, assim também, por força de um heliotropismo secreto, o passado aspira a poder voltar-se para aquele sol que está a levantar-se no céu da história. O materialista histórico tem de saber lidar com esta transformação, a mais insignificante de todas.

V

A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento. «A verdade não nos foge»: esta fórmula de Gottfried Keller⁴ assinala, na concepção da história própria do historicismo, precisamente o ponto em que essa concepção é destruída pelo materialismo histórico. Porque é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela.

VI

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo «tal como ele foi». Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico no momento do perigo. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para a dominar. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. Só terá o dom de atisar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E este inimigo nunca deixou de vencer.

⁴ Gottfried Keller (1819-1890): romancista e poeta suíço, geralmente incluído no chamado «realismo burguês», mas mais crítico do que os seus pares alemães e austríacos, influenciado pelo materialismo filosófico de Feuerbach e pelo ideário liberal. Não me foi possível localizar a fonte da «fórmula» citada. (*N. do T.*)

VII

*Pensem nas trevas e na grande friagem
Neste vale onde ecoam as lamentações.*

BRECHT, *A Ópera de Três Vinténs*⁵

Fustel de Coulanges⁶ recomenda ao historiador empenhado em reconstruir uma época que ignore tudo o que conhece do desenrolar histórico posterior. Não se poderia caracterizar melhor o método com o qual o materialismo histórico acabou de vez. Esse método é o da empatia. As suas origens encontram-se na indolência do coração, a acédia, incapaz de se apoderar da autêntica imagem histórica que subitamente se ilumina. Para os teólogos da Idade Média, ela era a causa última da tristeza. Flaubert, depois de travar conhecimento com ela, escreve: «Peu de gens devineront combien il a fallu être triste pour ressusciter Carthage.»⁷ A natureza desta tristeza torna-se mais clara se procurarmos saber qual é, afinal, o objecto de empatia do historiador de orientação historicista. A resposta é, negavelmente, só uma: o vencedor. Mas, em cada momento, os detentores do poder são os herdeiros de todos aqueles que antes foram vencedores. Daqui resulta que a empatia que tem por objecto o vencedor serve sempre aqueles que, em cada momento, detêm o poder. Para o materialista histórico não será preciso dizer mais nada. Aqueles que, até hoje, sempre saíram vitoriosos integram o cortejo triunfal que leva os senhores de hoje a passar por cima daqueles que hoje mordem o pó. Os despojos, como é da praxe, são também levados no cortejo. Dá-se-lhes geralmente o nome de património cultural. Eles poderão contar, no materialista histórico, com um observador distanciado, pois o que ele pode abarcar desse património cultural provém, na sua globalidade, de uma tradição em que ele não pode pensar sem ficar horrorizado. Porque ela deve a sua existência não apenas ao esforço dos grandes génios que a criaram, mas também à escravidão anónima dos seus contemporâneos. Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também o não pode o processo

⁵ III, 9. (*N. do T.*)

⁶ Historiador francês (1830-1889), autor de uma obra que fez época: *La cité antique*, de 1864. (*N. do T.*)

⁷ Na correspondência com Louise Colet, referindo-se ao seu romance *Salammbô*. (*N. do T.*)

histórico em que ele transitou de um para outro. Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo.

VIII

A tradição dos oprimidos ensina-nos que o «estado de excepção» em que vivemos é a regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a esta ideia. Só então se perfilará diante dos nossos olhos, como nossa tarefa, a necessidade de provocar o verdadeiro estado de excepção; e assim a nossa posição na luta contra o fascismo melhorará. A hipótese de ele se afirmar reside em grande parte no facto de os seus opositores o verem como uma norma histórica, em nome do progresso. O espanto por as coisas a que assistimos «ainda» poderem ser assim no século XX não é um espanto filosófico. Ele não está no início de um processo de conhecimento, a não ser o de que a ideia de história de onde provém não é sustentável.

IX

*A minha asa está pronta para o voo altivo:
se pudesse, voltaria;
pois ainda que ficasse tempo vivo
pouca sorte teria.*

GERHARD SCHOLEM, «Gruß vom Angelus»⁸
[Saudação do Angelus]

⁸ O texto integral deste poema de Gerhard Scholem, escrito a partir do quadro de Klee que esteve durante muito tempo na sua casa em Munique, e enviado a Benjamin no dia do seu aniversário, em 15 de Julho de 1921, encontra-se na edição completa das cartas (GB II, 174-175). Transcrevo a versão completa em tradução: «Aqui da parede, nobre, / não pouse o olhar em ninguém, / venho do céu que vos cobre / sou homem-anjo do Além / No meu reino o homem é bom / mas não é nele que aposto / recebo do Alto o dom / e não preciso de rosto / A região de onde vim / tem medida e luz sem fundo: / o que me faz ser assim / é prodígio no vosso mundo / Dentro de mim está a urbe / para onde Deus me mandou / o anjo com este selo / nunca ela o deslumbrou // Minha asa está pronta para o voo altivo: / se pudesse, voltaria / pois ainda que ficasse tempo vivo / pouca sorte teria / Os meus olhos são negros e fundos / e nunca se esvazia o meu olhar / sei muita coisa deste mundo / sei o que venho anunciar / Não sou simbólico nem trágico / significo o que sou, é tudo / em vão giras o anel mágico / pois em mim não há sentido.» (N. do T.)

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não consegue fechar. Este vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval.

X

Os objectos de meditação recomendados aos frades pela regra do convento tinham a função de os afastar do mundo e da sua actividade. A ordem de ideias que aqui desenvolvemos resultou de uma orientação semelhante. Num momento em que os políticos, nos quais os adversários do fascismo tinham depositado as suas esperanças, estão de rastos e acentuam a derrota com a traição da sua própria causa, a intenção dessa ordem de ideias é a de libertar o cidadão político do mundo das redes em que eles o enredaram. Partimos do princípio de que a crença cega no progresso por parte desses políticos, a confiança que têm nas suas «bases de apoio» e, finalmente, a sua inserção servil num aparelho incontrolável constituíram três aspectos do mesmo problema. E procuramos evidenciar o alto preço que o nosso modo habitual de pensar tem de pagar por uma concepção da história que evita qualquer tipo de cumplicidade com aquela em que continuam a acreditar esses políticos.

XI

O conformismo que desde sempre foi apanágio da social-democracia prende-se não apenas com a sua tática política, mas também com as suas ideias económicas. E está na origem da sua derrocada recente. Nada corrompeu mais as classes trabalhadoras alemãs do que a ideia de que elas

estavam integradas na corrente dominante. O desenvolvimento técnico foi visto por elas como o declive da corrente que julgavam acompanhar. Daqui até à ilusão de que o trabalho na fábrica, visto como fazendo parte desse progresso técnico, representava uma conquista política, foi apenas um passo. A velha moral protestante do trabalho, agora em forma secularizada, comemorava com os trabalhadores alemães a sua ressurreição. O Programa de Gotha revela já sinais desta fundamental confusão, ao definir o trabalho como «a fonte de toda a riqueza e de toda a cultura». Antevendo coisas terríveis, Marx respondera já que o ser humano que não possua outra riqueza a não ser a força de trabalho «será necessariamente escravo dos outros seres humanos, os que se transformaram em proprietários»⁹. Apesar disso, a confusão continua a grassar, e pouco depois Josef Dietzgen anuncia: «O trabalho é o nome do redentor dos tempos novos. Na melhoria do trabalho... é nisso que consiste a riqueza, que agora será capaz de tornar realidade o que até agora nenhum redentor foi capaz de fazer.»¹⁰ Esta concepção do trabalho própria da vulgata marxista não se preocupa muito em responder à questão de saber como é que o seu produto pode reverter a favor dos trabalhadores enquanto eles não forem detentores do produto desse trabalho. É uma concepção que apenas leva em conta os progressos na dominação da natureza, mas não os retrocessos da sociedade. Revela já aqueles traços tecnocráticos que mais tarde iremos encontrar no fascismo. Deles faz parte uma ideia de natureza que se distingue de forma ominosa das utopias socialistas do período do *Vormärz*¹¹. O trabalho, tal como agora é entendido, tem como finalidade a exploração da natureza, que é contraposta, com ingénuo complacência, à exploração do proletariado. Comparadas com estas posições positivistas, as fantasmagorias de um Fourier, que tanto azo deram a chacotas, revelam-se surpreendentemente aceitáveis. Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado teria como consequência que quatro luas iluminariam a noite da Terra, para que o gelo desaparecesse dos pólos, a água do mar

⁹ A edição de referência de Benjamin é: Karl Marx, *Randglossen zum Programm der Deutschen Arbeiterpartei* [Notas à Margem do Programa do Partido dos Trabalhadores Alemães], ed. Karl Korsch. Berlim/Leipzig, 1922, p. 22. (*N. do T.*)

¹⁰ Josef Dietzgen, *Sämtliche Schriften* [Obras Completas], ed. Eugen Dietzgen. Wiesbaden, 1911, vol. 1, p. 175. (*N. do T.*)

¹¹ *Vormärz*: à letra, «antes de Março». O período que antecede as revoluções burguesas de 1848, em que se assiste à consolidação das ideias liberais e ao aparecimento do socialismo. (*N. do T.*)

deixasse de ser salgada e os animais selvagens fossem colocados ao serviço do homem. Tudo isso ilustra uma ideia de trabalho que, longe de explorar a natureza, seria capaz de libertar dela as forças criativas que dormem em latência no seu seio. A ideia corrompida do trabalho tem como complemento a natureza cuja exploração, como dizia Dietzgen, «é grátis»¹².

XII

*Precisamos da história, mas de maneira diferente
da do ocioso mimado no jardim do saber.*

NIETZSCHE, *Das Vantagens e dos
Inconvenientes da História para a Vida*¹³

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe lutadora e oprimida. Em Marx, ela surge como a última classe subjugada, a classe vingadora que levará às últimas consequências a obra de libertação em nome de gerações de vencidos. Esta consciência, que se manifestou por pouco tempo ainda no movimento Espartaquista¹⁴, foi sempre suspeita para a social-democracia. Em três décadas, ela conseguiu praticamente apagar o nome de um Blanqui¹⁵, um eco maior que abalou o século passado. Empenhou-se em atribuir às classes trabalhadoras o papel de salvadoras das gerações futuras. Com isso, cortou-lhes o tendão das suas melhores forças. Nesta escola, essas classes desaprenderam logo, tanto o ódio como o espírito de sacrifício. Pois ambos se alimentam da imagem dos antepassados oprimidos, mas não do ideal dos descendentes livres.

¹² O contexto em que surge a afirmação é o seguinte: «Desde Adam Smith que a economia nacional reconhece que na natureza, que está aí e é grátis, apenas o trabalho produz todo o capital e os respectivos juros.» (Dietzgen, *op. cit.*, p. 175) (*N. do T.*)

¹³ A citação vem da segunda das «Considerações intempestivas». (*N. do T.*)

¹⁴ A Liga Espartaquista (*Spartakusbund*), movimento da esquerda socialista fundado por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg em 1916, como reacção à política do SPD durante a Primeira Guerra Mundial. A Liga, que se manteve independente durante as revoluções de 1918, defendendo uma República de Conselhos, seria absorvida pelo Partido Comunista da Alemanha em 1919. (*N. do T.*)

¹⁵ Louis-Auguste Blanqui (1805-1881): figura revolucionária da Comuna de Paris e autor de uma obra que exerceu grande influência sobre a filosofia da História de Benjamin, *L'éternité par les astres* (1872). Sobre Blanqui e Benjamin, ver: João Barrento, *Ler o Que Não Foi Escrito. Conversa inacabada entre Walter Benjamin e Paul Celan*. Lisboa, Livros Cotovia, 2005. (*N. do T.*)

XIII

Não há dúvida de que a cada dia que passa a nossa causa se torna mais clara, e o povo mais esclarecido.

JOSEF DIETZGEN, *Filosofia Social-Democrata*¹⁶

A teoria social-democrata, e ainda mais a sua prática, foi determinada por um conceito de progresso que não levou em conta a realidade, mas partiu de uma pretensão dogmática. O progresso, tal como o imaginavam as cabeças dos sociais-democratas, era, por um lado, um progresso da própria humanidade (e não apenas das suas capacidades e conhecimentos). Em segundo lugar, era um progresso que nunca estaria concluído (correspondendo a uma perfectibilidade infinita da humanidade). E era visto, em terceiro lugar, como essencialmente imparável (com um percurso autónomo de forma contínua ou espiralada). Qualquer destes atributos é controverso, e a nossa crítica poderia começar por qualquer um deles. Mas, quando as posições se extremam, a crítica tem de recuar até à raiz desses atributos e fixar-se num ponto que é comum a todos. A ideia de um progresso do género humano na história não se pode separar da ideia da sua progressão ao longo de um tempo homogéneo e vazio. A crítica da ideia dessa progressão tem de ser a base da crítica da própria ideia de progresso.

XIV

As origens são o objectivo.

KARL KRAUS, *Worte in Versen I*¹⁷

[Palavras em Verso I]

A história é objecto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogéneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*). Assim, para Robespierre a Roma Antiga era um passado carregado de Agora, que ele arrancou ao contínuo da história. E a Revolução Francesa foi entendida como uma Roma que regressa. Ele citava a velha Roma tal como a moda cita um traje antigo. A moda fareja

¹⁶ Dietzgen, *op. cit.*, p. 176. (*N. do T.*)

¹⁷ A obra referida de Kraus foi publicada em nove volumes, entre 1916 e 1930. A citação vem da secção intitulada «O homem moribundo». (*N. do T.*)

o actual onde quer que se mova na selva do outrora. Ela é o salto de tigre para o passado. Acontece que ele se dá numa arena onde quem comanda é a classe dominante. O mesmo salto, mas sob o céu livre da história, é o salto dialéctico com que Marx definiu a revolução.

XV

A consciência de destruir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no momento da sua acção. A Grande Revolução introduziu um novo calendário. O dia com que se inicia um calendário funciona como um dispositivo de concentração do tempo histórico. E é, no fundo, sempre o mesmo dia que se repete, sob a forma dos dias feriados, que são dias de comemoração. Isto quer dizer que os calendários não contam o tempo como os relógios. São monumentos de uma consciência histórica da qual parecem ter desaparecido todos os vestígios na Europa dos últimos cem anos. Na Revolução de Julho aconteceu ainda um incidente em que esta consciência ganhou expressão. Chegada a noite do primeiro dia de luta, aconteceu que, em vários locais de Paris, várias pessoas, independentemente umas das outras e ao mesmo tempo, começaram a disparar contra os relógios das torres. Uma testemunha ocular, que talvez deva o seu poder divinatório à força da rima, escreveu nessa altura:

*Qui le croirait! on dit qu'irrités contre l'heure
De nouveaux Josués, au pied de chaque tour,
Tiraient sur les cadrans pour arrêter le jour.*

[Incrível! Irritados com a hora, dir-se-ia,
Os novos Josués, aos pés de cada torre,
Alvejam os relógios, para suspender o dia.]

XVI

O materialista histórico não pode prescindir de um conceito de presente que não é passagem, mas no qual o tempo se fixou e parou. Porque esse conceito é precisamente aquele que define o presente no qual ele escreve história para si. O historicismo propõe a imagem «eterna» do

passado; o materialista histórico fá-lo acompanhar de uma experiência que é única. Deixa aos outros o papel de se entregarem, no bordel do historicismo, à prostituta chamada «Era uma vez». Ele permanece senhor das suas forças, suficientemente forte para destruir o contínuo da história.

XVII

O historicismo culmina, como tinha de ser, na história universal. A historiografia materialista demarca-se dela pelo seu método, de forma talvez mais clara do que qualquer outra. A primeira concepção não dispõe de qualquer armadura teórica. O seu método é aditivo: oferece a massa dos factos acumulados para preencher o tempo vazio e homogéneo. A historiografia materialista, por seu lado, assenta sobre um princípio construtivo. Do pensar faz parte não apenas o movimento dos pensamentos, mas também a sua paragem. Quando o pensar se suspende subitamente, numa constelação carregada de tensões, provoca nela um choque através do qual ela cristaliza e se transforma numa mónada. O materialista histórico ocupa-se de um objecto histórico apenas quando este se lhe apresenta como uma tal mónada. Nesta estrutura, ele reconhece o sinal de uma paragem messiânica do acontecer ou, por outras palavras, o sinal de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado reprimido. E aproveita essa oportunidade para forçar uma determinada época a sair do fluxo homogéneo da história; assim, arranca uma determinada vida à sua época e uma determinada obra ao conjunto de uma *œuvre*. O resultado produtivo deste seu método consiste em mostrar como na obra se contém e se supera a *œuvre*, nesta a época e na época toda a evolução histórica. O fruto suculento do objecto historicamente compreendido tem no seu interior o tempo, como uma semente preciosa mas destituída de gosto.

XVIII

«Os insignificantes cinco milénios do *homo sapiens*», diz um biólogo da nova geração, «correspondem, em comparação com a história da vida orgânica na Terra, a qualquer coisa como dois segundos no fim de um dia com vinte e quatro horas. E toda a história da civilização humana, se a inseríssemos neste registo, mais não seria do que um quinto do último

segundo da última hora.» O Agora (*Jetztzeit*), que, como modelo do tempo messiânico, concentra em si, numa abreviatura extrema, a história de toda a humanidade, corresponde milimetricamente àquela figura da história da humanidade no contexto do universo.

<Apêndice>

A

O historicismo limitou-se a estabelecer um nexu causal entre vários momentos da história. Mas um facto, por ser causa de outro, não se transforma por isso em facto histórico. Tornou-se nisso postumamente, em circunstâncias que podem estar a milénios de distância dele. O historiador que partir desta ideia desfia os acontecimentos pelos dedos como um rosário. Apreende a constelação em que a sua própria época se insere, relacionando-se com uma determinada época anterior. Com isso, ele fundamenta um conceito de presente como «Agora» (*Jetztzeit*), um tempo no qual se incrustaram estilhaços do messiânico.

B

O tempo que os áugures interrogavam para saber o que ele trazia no seu ventre não era certamente visto como tempo homogéneo ou vazio. Quem tiver isto presente talvez possa fazer uma ideia de como o tempo passado foi experienciado na presentificação anamnésica (*Eingedenken*) – exactamente dessa maneira. Como se sabe, os Judeus estavam proibidos de investigar o futuro. Pelo contrário, a Tora e as orações ensinam a prática dessa presentificação anamnésica. Isto retirava ao futuro o seu carácter mágico, que era aquilo que procuravam os que recorriam aos áugures. Mas isso não significa que, para os Judeus, o tempo fosse homogéneo e vazio, pois nele cada segundo era a porta estreita por onde podia entrar o Messias.

ÍNDICE

Sobre o conceito da História	9
Fragmento teológico-político	21
Fragmentos (filosofia da História e política).	23
Anúncio da revista <i>Angelus Novus</i>	35
Destino e carácter	41
Sobre a crítica do poder como violência.	49
Experiência e indigência	73
Johann Jakob Bachofen.	79
Teorias do fascismo alemão	95
Eduard Fuchs, colecionador e historiador	107

COMENTÁRIO

Sobre o conceito da História	147
Fragmento teológico-político.	167
Fragmentos (filosofia da História e política).	169
Anúncio da revista <i>Angelus Novus</i>	173
Destino e carácter	180
Sobre a crítica do poder como violência.	181
Experiência e indigência.	183
Johann Jakob Bachofen	184
Teorias do fascismo alemão	189
Eduard Fuchs, colecionador e historiador.	189